

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

ANNO VIII

Em Aveiro: 50 numeros, 1\$000 réis; 25 numeros, 500 réis.
Fóra de Aveiro: 50 numeros, 1\$125 réis; 25 numeros,
570 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 nu-
meros, 2\$000 réis.—Pagamento adiantado.

Publica-se aos domingos

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada
linha, 20 réis; annuncios permanentes, preços convencio-
naes. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil. —
Redacção e administração, rua do Espirito Santo, 71.

N.º 394

AVEIRO

A QUESTÃO DE LOURENÇO MARQUES

No momento em que sobre o nosso paiz cahem as mais infamantes injurias e em que um conflicto de gravidade nos ameaça, julgamos do nosso dever pôr de parte todas as outras questões para juntarmos o nosso protesto ao de todos os portuguezes que sabem honrar o seu nome e offerecer o nosso auxilio, embora pobre e humilde, aos governantes que queiram resolver a pendencia com a energia e firmeza que requer.

O governo andou bem em rescindir o contracto Mac-Murdo. Bem andará se souber repellir com dignidade as imposições e os insultos dos negreiros britannicos. A energia não importa a falta de prudencia. O governo pôde ser prudente, sem deixar de ser energico e digno em repellir a linguagem insolente que sem duvida o governo inglez ha de ter tido, nas suas notas diplomaticas trocadas connosco.

Se o governo proceder assim, terá os nossos applausos, como terá os applausos de todos os portuguezes. Se proceder indignamente, servilmente, covardemente, como tem procedido tantos outros governos anteriores, serão poucas todas as maldições e vituperios que a nação portugueza lhe possa lançar.

Perca-se tudo, menos a honra. Bem sabemos que esta phrase cahiu de moda para esta sociedade de pelintragem, dissoluta e madraça, em que desgraçadamente vivemos. Mas nem por isso deixa de ser tão honrada e tão nobremente significativa como sempre foi. Mas nem por isso deixará de encontrar ainda numerosos portuguezes a perfilha-la calorosamente.

Ponhamos os olhos na energia brilhante com que a Bulgaria tem resistido á Russia e n'aquella com que a Suissa está respondendo á Allemanha. Embora esta ultima tenha uma excellente organização militar e magnificas condições oreographicas que a protegem, embora nem uma nem outra tenham colonias que possam correr perigo, Portugal é maior e tem em si recursos poderosissimos que bem aproveitados serviriam de muito.

Não queremos dizer com isto que tenhamos forças para sustentar uma guerra com a Inglaterra. Também a Suissa as não tem para a sustentar com a Allemanha. Muito menos as tem a Bulgaria para se oppôr á Russia. Mas o que aquellas nações comprehendem é que muito pôde a justiça e a razão; é que quanto mais se abaixa quem tem justiça e quem tem razão mais o posterior se lhe vê; é que já não estamos em epocha d'um colosso qual quer saltar sem mais nem menos por cima do direito; e que, emfim e em ultimo caso, *mais vale morte que má sorte.*

Estarmos nós aqui a levar pontapés de todo o mundo por

sermos pequenos; a ser cuspidos e injuriados por termos menos força que os outros é que não pôde ser. Sejamos dignos e justos. Alliemos a prudencia á dignidade e á justiça. Se não basta, isto é, se não quizerem attender a unica coisa que merece attenção n'este mundo e pretenderem impôr-nos, para satisfação d'orgulhos vis ou de vaidades mesquinhas, humilhações e vergonhas, então morrámos no nosso posto, esmaguem-nos e dilacerem-nos embora, que morreremos honrados e immaculados.

Melhor é morrer com honra que viver com deshonra.

Eis a nossa opinião. Que não tem fanfarronadas, porque hoje, como sempre sabemos cumprir o que dizemos. Que é sincera e dictada pela mais patriótica e justificadissima de todas as indignações. Que será, ousámos cre-lo, a opinião de todos os portuguezes que não estão corrompidos nem degradados e que, felizmente, são muitissimos ainda.

Melhor é morrer com honra que viver com deshonra. Que tenha o governo em vista esta velha sentença nacional e pôde ficar certo de que haverá muito em terra portugueza quem a saiba executar com a coragem e o valor dos nossos maiores.

Uma escovadela

A minoria da commissão José Estevão, e em especial o nosso illustre amigo o sr. João da Maia Romão, mandou-nos dizer por um garoto, que não conhecemos, mas que nos dizem ter por habito escamar besugos á meia noite no Rocio, que não temos intuição d'arte, nem auctoridade de critico, por termos ficado reprovado em desenho quando estudavamos preparatorios n'esta terra. Que somos um palavroso. E que auctoridade, entre nós, só a tem elle, o sr. João da Maia Romão, e mais ninguém.

Perdê-nos o nosso illustre amigo. O garoto, o quadrilheiro vil, porque também é da companhia dos malandros onde acaba de receber um osso em paga dos serviços do Rocio, não tem imputação. Não a tem, talvez, algum outro, membro da minoria da commissão José Estevão. Não a tem essa escoria que chafurda no lodo de todas as sociedades, principalmente d'aquellas que vivem em maré baixa d'orientação intellectual e senso moral como a nossa.

Não os discutimos, que quanto mais se mexe n'isso mais isso cheira mal. Pedem renome á immundicia, mas não o hão de ter. Deixar os animalejos asquerosos na podridão que os alimenta.

Mas tem imputação o nosso illustre amigo. Mas discute-se, salvo excepções, a minoria da commissão José Estevão. E se a não tivera aquelle cavalheiro, e se esta não se discutira, seria simplesmente por terem lançado mão d'uma malandragem ignobil para a supposta defeza, aliaz agravamento, dos seus caprichos e das suas vaidades infantis.

Não temos intuição d'arte, diz

o nosso illustre amigo, o sr. João Romão. E' mais um erro de s. s.ª.

A arte resulta immediata e fatalmente da actividade humana. E' tão antiga como o homem, porque é a sua propria natureza, e mais velha do que a mesma linguagem. Já o remoto e longiquo habitante das cavernas ornamentava os seus punhaes e lavrava as suas ferramentas. Já ouvia o som do vento rugindo nas escabrosidades da sua habitação e o murmuro das aguas cahindo das montanhas, d'onde por onomatopeia tirou talvez as primeiras syllabas das primeiras palavras que pronunciou e o rhythmico para os movimentos do seu corpo. Já traçava na pelle grosseira um arabesco tosco, já tapava um buraco, corrigia um defeito, livrava a entrada do seu antro contra as feras esfomeadas e sanguinolentas. E assim, com os primeiros passos da vida humana, surgiu a esculptura, a musica, a pintura, a architectura e a dança.

E se as impressões cerebraes se transmittem e perpetuam na especie, se o homem foi sempre naturalmente propenso, ou antes attrahido irresistivelmente á combinação das linhas, dos sons e etc, como ousa o nosso amigo Romão negar-nos a intuição d'arte, que é propriedade e apanagio de toda a humanidade?

Quanto a não termos auctoridade critica por termos ficado reprovado em desenho, o erro ainda é mais flagrante e mais imperdoavel.

Physiologicamente falando, segundo um auctor celebre, a arte é uma sensação da vista e do ouvido que se liga directamente com os centros onde se elaboram os sentimentos e as idéas. Ou gosto esthetico é o resultado de vibrações particulares que transmittem ao centro nervoso as impressões das linhas, das formas, das côres, dos sons e dos movimentos. E' certo que as fibras nervosas não gosam da mesma excitabilidade em todos os homens; a differença ou a desigualdade podem ser enormes. Assim as papillas dos bebedores e dos gastronomos tem a propriedade notavel de distinguir os sabores dos vinhos e dos petiscos com uma facilidade e certeza muitissimo maiores do que as d'aquelles que não bebem nem comem por vicio. Brillat-Savarin trata perfeita e completamente o assumpto no seu excellente livro — *Physiologie du Gout ou Méditations de Gastronomie Transcendante*, que os garotos, que desgraçadamente defendem a minoria da commissão José Estevão, poderiam ler com algum aproveitamento, ao menos para não apanharem bebedeiras nem indigestões. E da mesma maneira que é tão notavel a sensibilidade das papillas d'esses individuos, assim outros tem o ouvido tão apurado que são capazes de seguir e assimilar as minimas particularidades da musica d'uma grande orchestra, por mais difficil e complicada que seja, e outros tem a vista de tal forma perspicaz, que n'um rapido olhar synthetizam as côres e as linhas dos quadros ou estatuas que admiram.

Mas é um facto scientifico, d'alta sciencia, que a physiologia cerebral plenamente confirma,

que os habitos e os trabalhos intellectuaes exercem uma poderosa influencia sobre os nossos juizos e raciocinios. De fórma que poderemos nós, sim, ter ficado reprovado em desenho n'um anno ou em dois, que nada importa esse facto para a nossa auctoridade de critico, e é rindo que falamos de tão risivel argumento. E não importa: primeiro, por aquella razão, também muito scientifica, que dava Newton quando lhe perguntavam como tinha elle descoberto a lei de gravitação universal: «Foi pensando muito n'ella.» Ou a razão de Buffon, que dizia: «O genio é uma longa paciencia.» E dissémos muito scientifica, porque, embora não seja rigorosamente assim o que dizia Buffon, a persistencia e a tenacidade n'uma idéa dão ao cerebro uma concentração tão poderosa, uma resultante tão forte de todas as energias intellectuaes sobre um ponto unico, que não é impossivel vencer este nem deixar de resolver aquella. Por conseguinte, poderíamos nós não saber desenho em um anno nem em dois e sabê-lo perfeitamente em quatro annos ou em cinco.

Esta é a primeira razão. A segunda, é que, embora sabiam desenho os taes amigos indecentes do nosso illustre amigo Romão, hão de sempre ser bebedos e só bebedos e nós havemos de ser sempre alguma coisa mais nobre e mais levantada do que isso. Por aquelle facto physiologico já referido: — porque o habito d'elles é andar pelas tabernas ou mettidos em aventuras baratas e reles, aventuras de botequim. E o nosso e lér, é estudar, e lér e estudar, entre outras coisas, livros d'arte e obras d'arte.

E' só isto. E isto pelo que toca a esses amigos do nosso amigo Romão. Pelo que toca a este estimado artista, o caso é outro, mas também muito explicavel e facil.

S. s.ª não nos julga capaz de ser critico d'arte, porque nós não sabemos desenho e s. s.ª sabe desenho. Engana-se outra vez o nosso amigo.

Ha em esthetica uma coisa que se chama Gosto e outra que se chama Genio. Gosto, segundo a definição de Eugenio Véron, o notavel director da *A Arte*, é a *faculdade mais ou menos desenvolvida de sentir o goso esthetico*. Genio é antes de tudo o *poder de crear*. Isto é, pôde s. s.ª o sr. Romão ser um Miguel Angelo, um Violett-Le-Duc, um Rembrandt, um Raphael ou um Rubens, e podemos nós não saber traçar uma linha, que nem por isso estamos impossibilitados de o criticar e de possuir a auctoridade critica. Caso é que tenhamos a comprehensão esthetica d'essa linha.

Contestar-nos o sr. João Romão essa auctoridade porque não somos amanuense da direcção das Obras Publicas, ou porque não sabemos desenhar, e não admittir a nossa critica, revela profunda ignorancia da Arte, e note-se que Arte não é simplesmente fazer uma planta ou contornar uma figura, e revela também profunda e insensata immodestia. Se s. s.ª fóra um artista, em lugar de se irritar por lhe dizermos umas verdades que provocou, di-

ria como Donatello, o inspirado auctor de *S. Marcos*, da *Judith*, da *Dança dos Genios*, de *David* e de *S. João Baptista*, obras privilegiadas que a posteridade não esqueceu, nem esquecerá, diria como o grande artista no meio da apothose que lhe faziam em Padua: «Vou-me embora; porque ficado aqui, onde todos m'incensam, depressa esquecerei o que sei. Na minha terra, pelo contrario, a critica, despertando-me, obriga-me a trabalhar e progredir.»

Mas não; s. s.ª não quer isso, s. s.ª não pensa como Donatello, s. s.ª não quer trabalhar nem progredir e por isso mesmo é que se ha alguém aqui que não tenha auctoridade de critico é exactamente o nosso illustre amigo, cujas aptidões artisticas, entretanto, conhecemos e applaudimos. E não a tem pelo seguinte:

Já dissémos que ha muita differença entre Genio artistico e Gosto artistico.

«De que devemos fugir, sobretudo, diz Eugenio Véron no seu magnifico livro a *Esthetica*, é de confundir as condições e os caracteres do espirito critico com os do genio artistico. *Essa confusão é uma origem constante d'innúmeros erros*. As faculdades que exige a critica **não tem absolutamente nada de commum com as que dão ao artista o poder creador.**»

Ora o sr. Romão não é genio. Não é mesmo artista na accepção rigorosa da palavra, embora o podesse ser se tivesse querido applicar-se. Se o fosse, nem mesmo assim podia por um instante, como já dissémos atraz, contestar aos que o não são a capacidade e a auctoridade critica, e mesmo sendo-o s. s.ª é que podia muito bem não ser um critico. «Ha entre o critico e o artista um ponto commum, acrescenta Eugenio Véron, que é o amor da arte; mas isso não impede que elles possam, pelas suas qualidades essenciaes, **achar-se collocados nos dois polos extremos da humanidade.**»

«O gosto, escreve Victor Cousin no seu livro — *Do Verdadeiro, do Bello e do Bem* — sente, julga, discute, analisa, mas não inventa. O genio é antes de tudo inventor e creador.»

Porém, não; o sr. Romão não tem genio artistico. Logo, nem por esse lado tem competencia. Poderia tê-la e não ser um critico, que ainda assim o seu genio dava-lhe auctoridade. Não o tendo, é loucura discutir por esse lado competencias.

Mas tem gosto? Intuitivamente e instinctivamente, sim. E basta isso? Para ser critico, para se impôr como auctoridade, de modo nenhum.

Ouçamos outra vez Eugenio Véron: «O gosto compõe-se de duas partes dominantes, duas *pièces maîtresses*, como diria o velho Balzac, cuja união é necessaria para o constituir: uma viva sensibilidade natural ás impressões da vista e do ouvido, e o sentimento profundo das condições estheticas de todas as coisas, o qual não se adquire senão pela pratica mesmo da arte ou pela comparação attenta d'um grande numero d'obras diversas.»

Ora todo o mundo sabe que o

sr. Romão não lê um livro, nem procura meio algum de se educar. Logo não pôde ser uma competência porque não possui uma das partes essenciaes do gosto esthetico!

Nem mesmo possui a educação pratica. A proposito da grande erudição que os proprios homens do povo adquiriam em Athenas contemplando as obras primas dos grandes artistas da Grecia, diz ainda Eugenio Véron:

«Estes espectaculos, incessantemente renovados, constituíam para o gosto o mais poderoso dos ensinamentos, o ensino indirecto, o unico que penetra até ao fundo e se apodera inteiramente do homem, porque lhe transforma as idéas em sentimentos. As creanças educadas n'um tal meio, iam adquirindo, sem dar por isso, conhecimentos e hábitos d'espírito que as sociedades menos privilegiadas tão difficilmente aprendem nos livros. Sabiam o que é preciso saber para julgar. Embora inconscientemente, foi assim que os cidadãos d'Athenas chegaram a adquirir o juizo e o raciocinio que lhes valeu essa reputação d'arbitros do gosto, tão bem merecida e justificada.»

Ora o sr. Romão é um artista que nem a Lisboa foi um dia admirar e estudar o pouco ou muito, mas aproveitavel e bom, que ainda por lá ha e que ainda por lá se faz!

Isto diz tudo sobre a auctoridade artistica que nos querem impôr como indiscutível, como absoluta.

Já vê, pois, o sr. João Romão que não podemos deixar de nos sorrir quando nos manda accusar de palavroso por um garoto qualquer. Sorrindo escrevemos este artigo e sorrindo continuaremos, porque, já agora, ha de ficar completa, uma vez que nos provocaram, a escovadela hoje começada. Não receiem, porém, as nossas irritações. Não nos offenderam; não temos, portanto, de que nos irritar.

Hoje fica assente que poderemos muito bem ter auctoridade critica para tratar da questão da estatua. Que o sr. João Romão é que a não tem, porque embora s. s.ª possua aproveitaveis e distinctas aptidões artisticas, não tem a comprehensão da esthetica indispensavel para ser uma auctoridade ou um critico. Que, admitindo mesmo que s. s.ª fosse uma auctoridade artistica, não podia ninguém com a pessoa do nosso illustre amigo chasquear dos membros da maioria da commissão José Estevão pela resolução que tomaram, desde que do lado d'estes estava outra auctoridade mais importante que a do sr. João Romão, que é o sr. Simões de Almeida.

Hoje fica isso assente. No do-

mingo, apesar dos defensores da frente da estatua para a Costeira não terem apresentado um unico argumento em favor da sua opinião e estarmos portanto dispensados de dizer d'elles mais do que temos dicto, acabaremos de provar a deficiencia do sr. João Romão provando que, se s. s.ª fôra um artista ou uma auctoridade, em caso nenhum teria votado pela frente da estatua para a Costeira.

Se s. s.ª não gostar, tenha paciencia. A culpa é sua e dos seus collegas da minoria que, consciente ou inconscientemente, veem fazendo ha muito o jogo dos firminos, como tambem provaremos se necessario fôr. Fomos nós os provocados e não está nos nossos costumes desprezar provocações d'essa natureza.

De resto, s. s.ª engana-se quando diz que prestou a um *pobre trotha* favores que este paga com ingratição. Será melhor não tocar n'isso? Engana-se mais quando quer para si só as glorias todas da commissão José Estevão. Ninguém regateará a s. s.ª a justiça que merece. Mas ha na commissão quem tenha, pelo menos, feito tanto como s. s.ª. Emfim, s. s.ª engana-se em tudo. Então, se quiser calemo-nos. Se não quiser, falaremos.

Em todo o caso, nós lamentamos sempre que o sr. Romão se tenha associado a meia duzia de garotos, que, não podendo dar na vista por nenhum merecimento moral ou intellectual, pedem a quatro pontapés o que não podem obter por outro meio.

Depois de tão infeliz camaradagem, só uma consideração, digna de se mencionar, pelo sr. Romão, nos poderia levar a dizer-lhe o que ali fica em lugar de o arremessarmos ao silencio, como arremessamos ao mais profundo nojo os latrinosos fétidos, que não tendo idéas, nem dignidade, nem pudor, nem ao menos sabem roubar ou plagiar quatro phrases de qualquer espirito culto para tapar a bicharia que ostentam no bestunto mal cheiroso.

No domingo continuaremos docemente conversando com quem tem imputação.

Lia-se na segunda-feira passada no *Districto de Aveiro*:

«Na sexta-feira, quando a procissão do Coração de Jesus passava na rua do Caes, ousou um individuo estrangeiro, que ali se acha, e que estava na rua d'Alfandega, conservar-se com o chapéu na cabeça. Como o reprehendessem, recolheu-se a uma casa, e no mesmo instante appareceram dois carpinteiros a mital-o, pois que tambem estavam cobertos. O povo indignou-se, e apparecendo a policia, prenderam-os.

tão cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coração e o animo mais robusto.

Entre os parciaes de D. Leonor que vinham n'aquella comitiva viam-se, porém, muitos fidalgos e letrados que ou eram pessoalmente seus inimigos ou, pelo menos, desaprovavam alta e francamente a sua união com el-rei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre elles, e o povo, ao vê-lo passar, saudou-o com um murmurio que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devera a um caso analogo, a morte de D. Ignez de Castro.

Quando os fidalgos, cavalleiros e letrados da casa e conselho d'el-rei se apearam junto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que desemboçaram na praça, subiu após elles e esperou que se assentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidão apinhada ao redor:

«Se el-rei ainda não é presente—disse em voz intelligivel e fir-

Estas ousadias precisam de correctivo. Máu é quando se praticam d'estes excessos.»

Quem precisava d'um grande correctivo era o rabisgador d'esta noticia. Correctivo que seria nem mais nem menos do que prendê-lo n'uma escola d'instrução primaria, e depois n'uma bibliotheca, até aquelle cerebro se illuminar convenientemente, se as aranhas não fizeram d'elle uma caverna hedionda, de que o sol tira horror.

Se aquelle estrangeiro era protestante, ou judeu, ou musulmano, quem tem o direito d'espelhar as suas crenças e de lhe torturar a consciencia obrigando-o a prestar culto a uma cerimonia que elle não aceita? Se esse povo, que o *Districto* diz ter-se indignado, fosse obrigado amanhã em paiz estrangeiro a renegar ou a faltar aos preceitos da sua religião, o que diria elle?

Façam as religiões e prestem o culto no interior dos templos. Castiguem severamente quem fôr ali insultar as crenças alheias. Mas quando vierem para a rua, ou emquanto vierem que não tardará que acabe uma loucura d'essa natureza, acceitem a consequencia das suas provocações ou dos seus erros.

Esta é que é a doutrina liberal e a verdadeira. Saiba-o o rabisgador do *Districto*.

O Sr. Visconde!

O sr. visconde zangou-se. Lia-se quinta-feira esta carta no *Districto de Aveiro*:

«Sr. redactor.—Rogo-lhe a fineza de dar lugar no seu acreditado jornal ás seguintes linhas, que acabo de endereçar aos meus collegas na direcção do *Theatro Aveirense*.

Afastado de todos os negocios publicos e tratando apenas dos meus proprios, foi, depois de muito instado, que acceitei, com pezar, o cargo de presidente da direcção do *Theatro Aveirense*; hoje que o meu nome anda injuriado na imprensa por virtude de resoluções conscienciosas que tomei n'aquella qualidade, demitto-me do mesmo cargo para me não sujeitar a outros vexames, e vou immediatamente, pelos tribunales, pedir a responsabilidade do jornal que me insultou.

Aveiro, 4 de julho de 1889.

Visconde da Silva Mello.»

Mas, venha cá, sr. visconde, valha-o Deus! Poenitet me. Em que o injuriámos? Em que o in-

me—ahi tendes para ouvir vossos agravamentos os senhores do seu conselho: porventura que elles poderão dar-vos resposta em nome de sua senhoria, e elle virá depois confirmar o seu dicto.»

«Senhor Fernão Vasques, sois o nosso propoedor: a vós toca falar:—replicou um do povo.

«Assim o queremos! Assim o queremos!—bradou aturba-multa. O alfaiate voltou-se então para os cortezaos, conselheiros e letrados do desembargo d'el-rei e disse:

«Senhores, a mim dêram cargo estas gentes que aqui estão juntas de dizer algumas cousas a el-rei nosso senhor que entendem por sua honra e serviço; e porque é direito escripto que, sendo as partes principaes presentes, o officio de procurador deve cessar no que ellas bem souberem dizer, vós outros que sois principaes partes n'este feito, e a que isto mais tange que a nós devíeis dizer isto, e eu não: porém não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me dêram cargo, pois vós outros em elle não quereis pôr mão, mostrando

sultámos? Em lhe termos chamado Porcalhoto?

Sr. visconde, miserere nobis. Porcalhoto quer dizer—conde da Porcalhota. E Porcalhota é uma terra de Portugal, a dois passos de Lisboa, terra tão honrada e tão digna como qualquer outra. V. ex.ª não sabe portuguez, o que não tira para v. ex.ª ser um fidalgo, ser um nobre. Se v. ex.ª soubera portuguez não veria um insulto em lhe chamarmos Porcalhoto. Pelo contrario, veria um modo elegante d'escrever a lingua. Diz-se por elegancia—o Almeida—em vez de—o visconde d'Almeida. —Dizia-se—o Castello Melhor—em vez de—o Marquez de Castello Melhor. Isto chama-se uma figura de grammatica, ou d'oratoria, se quizer. Mas v. ex.ª não percebe nada de figuras, nem mesmo da sua, e d'ahi é que vem o mal. Mas que culpa temos nós? V. ex.ª deveria saber que para se fazer figura na sociedade, aquillo a que v. ex.ª tanto aspira, mais se precisa de saber figuras que de figurinos. Sabendo-se muito de figurinos e não se sabendo nada de figuras, o mais que se pôde ser é... figurino.

Ora supponha v. ex.ª que vae ao tribunal depôr um dia. Por exemplo, contra nós, agora no processo que v. ex.ª nos vae mover. E diz-lhe o juiz:

—Então de que se queixa?

—Sr. juiz, são uns indecentes. Dêram-me esta e aquella qualificação...

E como são nomes, claro é, que se não podem ouvir, pôde succeder que o juiz diga para v. ex.ª, e muito apropriadamente, o que o outro magistrado seu collega disse para o saloio:

—Fale por metaphoras!

E v. ex.ª, que não sabe de figuras, que sabe só de figurinos, è capaz de responder tambem que nós lhe dêmos metaphoras, querendo dizer que lhe chamámos nomes feios.

Ora, v. ex.ª percebe, uma coisa d'essas seria para um nobre, para um sr. fidalgo, que tem armas, uma vergonha sem igual.

Dar-lhe armas e dar-lhe metaphoras são duas coisas antinomicas e heterogeneas. Ou bem que se lhe dá uma coisa ou bem que se lhe dá outra.

Por conseguinte, se chamámos Porcalhoto a v. ex.ª foi por elegancia. Não quiz v. ex.ª ser visconde das Lezirias? Então se lhe chamassemos o *Lezirias*, levava-nos v. ex.ª aos tribunales? Era capaz d'isso. Porque se punha a fazer o seguinte raciocinio:

«Lezirias é aquillo que vive ou que pasta nas Lezirias. Nas Lezirias vivem e pastam cavallos. Logo os patifes chamaram-me cavallo.»

E catrapuz; venham vocês aos

que vos doeis pouco da honra e serviço d'el-rei... (1)

«Cala-te, villão!—bradou, erguendo-se, o conde de Barcellos, com voz affogada de cólera, que já não podia conter—se não queres que seja eu quem te faça resfolegar sangue, em vez de injurias, por essa bocca sandia.»

O velho Pacheco pôz-se tambem em pé, exclamando:

«Conde de Barcellos, lembraivos de que os burguezes teem por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus agravamentos, de se queixarem e de os reprehenderem. Nós somos menos que os reis.»

Fernão Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado, mas era de indignação, e havia feito um signal com a cabeça. No mesmo instante o povo abriu uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros, attentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os

tribunales pagar as tolices que os outros fazem. Pois nós temos alguma culpa dos maus raciocinios alheios?

—Mas eu não sou conde da Porcalhota, dirá s. ex.ª!

Mas, senhor, ninguém diz o contrario. Porém não é crime supôr-se que quem é visconde não queira ser conde e que quem é visconde da Silva Mello, não queira ser conde da Porcalhota, terra das mais illustres e mais nobres de Portugal, que tem a especialidade fidalga, que nenhuma outra tem, de nos dar guizado com batatas um dos nomes mais nobres e de mais brillhantes tradições n'esta heroica terra portugueza.

Veja v. ex.ª n'um dictionario genealogico se o nome Coelho é ou não dos mais illustres nomes portuguezes.

Então ser conde d'uma terra onde o fidalgo coelho abunda mais e é mais querido que o plebeissimo mexilhão em Aveiro, è caso para levar um homem aos tribunales e dar-lhe com os ossos na cadeia? *Miserere nobis*; sr. visconde, libera nos, que o que nos mata e o que nos atrapalha é v. ex.ª não saber portuguez, nem saber historia.

—Mas se o caso é de figuras, replicará s. ex.ª ainda, se vocês chamam ao visconde de Almeida—o Almeida—porque me não chamaram tambem a mim—o Porcalhoto—em vez de—o Porcalhoto?

Outra vez lhe dizemos: «Valha-o Deus, sr. fidalgo.» Ainda ahí o nosso procedimento é motivado nas bellezas da linguagem portugueza. Quando se escreve e quando se fala, uma das coisas que se deve ter em vista é a consonancia das palavras. Ora—o Porcalhoto—tere o onvido d'uma maneira altamente desagradavel. Não se podia proferir sem offensa da boa dicção portugueza, o que já não succede com—o Porcalhoto. Além d'isso, dizer-se d'um fidalgo—o Porcalhoto—seria, além de ridiculo, indigno. Pareceria que estavamos falando da Maria da Fonte, ou da Anna Rota, ou da Tornozeira.

Isso não, sr. fidalgo!

Emfim, v. ex.ª não tem razão e ha de se arrepende profundamente de nos chamar aos tribunales. Ora veremos! Hoje já lhe provámos que não commetemos crime nenhum em lhe chamar Porcalhoto. Domingo provaremos que tambem o não commetemos em lhe chamar Cara Feia e Miolo Secco, antes foi para honrar v. ex.ª que escrevemos d'esse modo, como provaremos ainda que crime não houve da nossa parte em escrever que as *viscondices* de v. ex.ª formaram primeiro uma montanha, depois uma cordilheira e depois um vulcão no pincaro mais

olhos para o rocio, ao tropear da multidão, um semi-circulo de mais de quinhentos bêsteiros e peões armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernão Vasques encaminhou-se então para D. João Affonso Tello e, com a mão trémula de raiva, segurando-lhe por um braço, disse-lhe:

«Senhor conde, vós sois que doestae os honrados burguezes d'esta leal cidade em minha pessoa; porque eu nada fiz, senão, repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propuz não é meu. Eis seus auctores! Pelo que a mim toca, senhor conde, não receio vossas ameaças. Quando o nobre despe o gibão de ferro para vestir o de tela não sei eu se este é mais forte que o do peão e se, tambem, a sua bocca não pôde golfar sangue, como a de um pobre villão.»

(Lendas e Narrativas.)

ALEXANDRE HERCULANO.

(Continúa.)

(1) Textual.—Veja-se Fernão Lopes, Chr. de D. Fernando, cap. 61.

15 **ROMANIN**

ARRHAS POR FORO DE HESPAHNA

III

Um builhão e uma agulha d'alfaiate

«E' costume, ergo direita a penna:—notou um procurador, que gravemente contemplava aquelle spectaculo e que até alli guardára silencio.

Estas injurias, que, como o fogo de um pelotão, se disparavam ao longo das extensas e fundas fileiras dos populares, iam ferir os ouvidos do conde de Barcellos, que, fingindo não lhes dar attenção, empalidescia e córava successivamente e mordida os beiços de cólera.

De quando em quando, o vociferar affrontoso da gentilha era afogado no ruido de risadas descompostas, mais insolentes cem vezes que as injurias; porque no rir do vulgo ha o quer que seja

alto da mais alta montanha d'essa cordilheira.

E se no fim v. ex.ª se não convencer em prosa, estamos certo de que o havemos de convencer em verso.

Passe v. ex.ª muito bem até ao proximo domingo.

JOSÉ ESTEVÃO

Pela grande commissão que se acha organizada para tratar de dar o maior brilhantismo às festas em honra de José Estevão, acaba de ser distribuido o seguinte manifesto a varias corporações e cavalheiros de todo o districto:

A CIDADE E DISTRICTO D'AVEIRO

A grande commissão encarregada de organizar e dirigir as festas com que a cidade de Aveiro vai solemnizar a inauguração do monumento levantado em honra do grande vulto da tribuna portugueza, José Estevão Coelho de Magalhães, cuja memoria será sempre querida e de saudosa veneração para esta terra, que justamente se ufana, de lhe haver sido berço e que já mais poderá resgatar-se da dívida sagrada de intimo reconhecimento e fervorosa gratidão pelo extremo affecto e dedicado patriotismo com que tão prestimoso como nobre cidadão pugnou sempre e energeticamente pelo engrandecimento da cidade e districto d'Aveiro, tendo o maximo empenho em dar a estas festas todo o brilho devido ao elevado sentimento que ellas traduzem, e que só lhe pôde ser dado pelo desejo unanime de todos de que a commemoração que vai ter lugar tenha uma pagina honrosa na historia da patria, pede a todos os habitantes da cidade e districto d'Aveiro o seu valioso auxilio e sincera coadjuvação para o fim a que se propõe.

N'este intuito e plenamente confiada na franqueza e sinceridade das suas intenções, a grande commissão não hesita em appellar para o nunca desmentido patriotismo dos seus conterraneos, sollicitando da imprensa de todo o districto o seu poderoso e generoso auxilio, e pedindo a todos os habitantes que se associem franca e sinceramente ao seu pensamento, subscrevendo com a quantia que as suas forças lhe permittam para dar um realce condigno á festa da glorificação do immortal tribuno.

Aveiro, 4 de julho de 1889.

A commissão

- João da Maia Romão
Dr. Alexandre José da Fonseca
Alfredo Maria Cortez Machado
Anselmo Ferreira
Antonio Augusto Duarte Silva
Antonio Augusto de Moraes e Silva
Antonio Augusto de Souza Maia
Antonio Maria Alves da Roza
Antonio dos Reis
Antonio da Silva Pereira
Antonio de Souza
Bento da França Pinto d'Oliveira
Carlos Faria e Mello
Carlos da Silva Mello Guimarães
Daniel Baptista de Barros
Domingos João dos Reis
Domingos José dos Santos Leite
Domingos Pereira Guimarães
Egberto de Mesquita
Elyzio Filinto Fejo
Francisco Augusto da Fonseca Regalla
Francisco Rodrigues da Graça
Francisco da Silva Monteiro
Gustavo Ferreira Pinto Basto
Dr. Jayme de Magalhães Lima
João Augusto Marques Gomes
João Maria Garcia
João Pedro de Mendonça Barreto
João Pedro Soares
Dr. Joaquim de Mello Freitas
José Antonio Marques
José Candido Gomes d'Oliveira Vidal
José Ferreira da Cunha e Souza
José Gonçalves Gamellas
José Gonçalves Moreira

- José Joaquim Gonçalves da Caetano
José Maria Pereira do Couto Brandão
José Maria de Mello e Mattos
Dr. Luiz Augusto da Fonseca Regalla
Manuel Homem de Carvalho e Christo
Manuel Fernandes Thomaz
Manuel da Rocha
Pedro Antonio Marques.

NOTICIARIO

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Não se effectuou na terça-feira a eleição da Misericordia por não haver comparecido numero legal de irmãos.

Deve fazer-se depois de amanhã, terça-feira, com os irmãos que apparecerem.

Falleceu uma filhinha querida do nosso amigo, o sr. dr. Alves da Veiga, a innocente Belmira.

Acompanhâmos o nosso illustre correligionario na dôr profundissima que acaba de ferir o seu coração de pae estremoso.

Completo o primeiro anno de publicação do nosso estimado collega de Chaves, O Povo. Enviamos-lhe as nossas felicitações, appetecendo-lhe todas as prosperidades.

Felicitamos igualmente a Gazeta da Figueira pela sua entrada no terceiro anno de publicação.

Dizem da Bairrada que o movimento nas compras de vinho está n'uma grande apathia e quasi se pôde affirmar que as adegas estão completamente cheias, porque os preços não convidam.

Tem-se vendido algum vinho estes ultimos dias a 400 réis o de primeira qualidade e a 220 e 300 réis o mais inferior.

E' uma calamidade para os lavradores; querem fazer os amanhos nas suas propriedades, mas não o podem fazer por falta de recursos.

O regimento de cavallaria 10 realisa hoje a annunciada marcha de resistencia até Coimbra.

A força, sob o commando do seu digno coronel, sahe d'aqui á noute, regressando ao quartel depois de amanhã.

Começou na quinta-feira a inspecção dos mancebos recenseados no corrente anno para o serviço do exercito e da armada.

Faz parte da junta de revisão o cirurgião-mór de infantaria 13 sr. Manuel Antonio Ferreira Pinto da Cunha, em substituição do cirurgião-ajudante de caçadores 9 sr. Joaquim Augusto de Almeida Ferreira.

Continuam até dezembro, duas vezes por mez, os comboyos de operarios entre Lisboa e Porto.

Em 1861—escreve a Democracia—quando morreu D. Pedro V, a situação economica do paiz era a seguinte:

Divida publica interna e externa, 89.824:360:561 réis, pela qual havia um encargo de réis 2.694:730:849. Os rendimentos não passavam de 13.120:000:000 réis. Não havia deficit, e como se vê o encargo de juros era a sexta parte da receita.

Começou o reinado infamissimo de D. Luiz I.

Os rendimentos publicos pas-sam de 39:000 contos, duas vezes mais que em 1851.

E temos uma divida publica de 600 mil contos, com um encargo annual de 45:000 contos de juros.

E temos uma divida fluctuante de 20:000 contos com um encargo annual de 2:000 contos.

E temos um deficit de 6:000 contos com um encargo annual de mil e tantos contos.

Deve dizer-se que, com a inauguração d'este reinado, se verificou a emigração dos bandidos da Falperra e da Serra Morena para as regiões do poder.

E' o caracteristico mais verdadeiro do reinado presente, que já o sr. Marianno de Carvalho cognominou de capa de ladrões.

Com destino a La Rochelle, sahiu na terça-feira do nosso porto o patacho francez Adèle Catharine, capitão C. Halais, com carregamento de vinho.

Finou-se em Albergaria, no dia 1 do corrente, o sr. Manuel Luiz Ferreira, pae do nosso estimado amigo o sr. José Luiz Ferreira Rodrigues.

Contava 72 annos de idade. O passamento do venerando ancião é muito sentido em Albergaria, onde era devéras querido e estimado pelas bellas qualidades que o exornavam. A pobreza perdeu n'elle um protector desvelado.

O nome do sr. Manuel Luiz Ferreira fica ligado a diversas empresas de vulto, como a da importante Fabrica de Papel de Valle Maior, de que foi o iniciador.

Ao nosso amigo o sr. José Luiz Ferreira Rodrigues, e a toda a sua familia, enviamos os nossos sentidos pezaes.

Vão estabelecer-se escolas de olivicultura em Sevilha, Tarragona, Cordova e Murcia, segundo os mais modernos preceitos.

O ensino comprehenderá dois cursos, um de oito mezes e outro de quatro, havendo além d'isso trinta lições praticas.

No primeiro curso ensinar-se-ha todas as operações relativas á cultura da oliveira, e no segundo ao fabrico, conserva e analyse do azeite.

Foi registrado civilmente, na administração do bairro occidental do Porto, o nascimento de uma creança do sexo feminino, filha de Antonio da Silva Canedo e de Maria Virgilia.

Recebeu o nome de Bebel.

Eis os preços porque correm no nesso mercado os seguintes generos:

Table with 2 columns: Item and Price. Items include Feijão branco (20 litros) at 900, Dito vermelho at 640, Dito laranja at 13100, Dito manteiga at 670, Dito amarelo at 680, Milho branco at 560, Dito amarelo at 540, Trigo at 800, Ovos (cento) at 880, Azeite (10 litros) at 13540, Batatas (15 kilos) at 300.

A formosa villa de S. Pedro do Sul foi, ás 9 horas da noite de 29, theatro d'um grande crime—conta o Districto de Vizeu. Um rapaz no verdor da vida, o sr. Ernesto Oscar Correia d'Oliveira, filho do sr. Joaquim Correia de Oliveira, thesoureiro-pagador do districto de Vizeu, cahia mortalmente ferido com sete navalhas.

Não se sabe bem o que deu origem áquella enorme desgraça que deixou afundados na maior dôr e afflicção os paes extremos do infeliz rapaz.

O que parece, porém, é que entre este e o assassino, que é um tal Luiz Pernicas, havia antiga reixa.

Quando o ferido foi encontrado, jazia n'um lago de sangue e estava já no estertor da morte, mal podendo balbuciar algumas palavras.

Pouco antes tinha tido lugar um alegre pic-nic em que tomara parte o desditoso moço, a sua familia e muitas outras pessoas, tendo ido alli de Vizeu os srs. Alexandre da Conceição, dr. João Homem, conde de Prime e dr. José Victorino que, ainda como clinico, prestou alguns serviços ao ferido.

Pôde imaginar-se a sensação que o facto tem produzido em S. Pedro do Sul.

O crime revela uma ferocidade extraordinaria, apresentando o assassinado signaes de ter sido calcado pelo assassino, que, não satisfeito ainda com esta villega, arremeçou depois a sua victima para um silvado.

Deplorâmos tão infame como barbaro attentado, que é uma no-doa ensanguentada na mais pittoresca das povoações da Beira, onde a pureza do céu e a da paisagem pareciam dever affastar para longe os sentimentos violentos do odio ferino, que se manifesta por fórma tão negra e hedionda.

Luiz Pernicas, o assassino, refugiou-se em casa, onde foi preso de manhã.

Está a ares em Macinhata do Vouga, para onde foi na quinta-feira, o nosso estimado patriocio sr. Francisco Monteiro Rebocho.

Muito estimâmos que alli se restabeleça de todo dos seus sofrimentos.

Em companhia de sua ex.ª esposa e filhos, foi para as Caldas de Vizella o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Do Algarve referem que os campos apresentam um lindissimo aspecto, promettendo uma colheita extraordinaria.

Se o tempo lhe fór propicio, os granaes darão este anno uma colheita como não ha memoria d'outra igual. As alfarrobeiras e amendoeiras estão carregadas de fructos.

Reuniram-se ha dias em Madrid os representantes de setenta jornaes democraticos de toda a Hespanha, com o fim de se colligarem para o ataque ás instituições monarchicas, e tomaram as seguintes resoluções:

Primeiro—Colligarem-se todos os jornaes que estiverem representados n'essa reunião.

Segundo—Considerar-se impossivel a restauração da Republica pelos meios legaes, e decide-se manter o protesto energico sustentado até agora por alguns republicanos.

Terceiro—Acceita-se como auxilio e complemento o processo legal de propaganda e eleições.

Quarto—Compromettem-se os assistentes a esta reunião a combater energicamente e sem benevolencia de especie alguma todos os governos monarchicos que se succedam no poder.

Quinto—Prohibe-se as discussões entre os colligados e aos republicanos que acceitaram estas resoluções.

Sexto—Leva-se este pacto, não sómente até á restauração da Republica, mas até que esta se constitua pela vontade do paiz.

Setimo—Constitue-se o comité directivo formado pelos directores dos jornaes de Madrid e o presidente da Assembléa.

Oitavo—Auctorisa-se o dito comité directivo a tratar com as agrupações republicanas as questões opportunas aos fins a que a colligação se propõe.

Lêmos n'um collega de Vizeu a seguinte noticia:

«A's camaras de Aveiro e Ilhao foram feitas propostas para a illuminação a gaz d'estas terras.

Ao que parece, a camara de Aveiro está no proposito de acceitar.»

Desconfiamos...

Communicam de Roma que o papa vai mandar construir um observatorio no Vaticano, cujas despesas foram orçadas em réis 170:000:000.

Que dirão a isto os hypocritas que com o maior descaro não se cançam de apregoar que o prisioneiro está pobre? Sucia de farçantes!

E o beaterio, o eterno papalvo, continúa a dar as suas esmolinhas ao pobresinho!

Foi transferido da direcção das obras publicas do districto de Vizeu para Aveiro o engenheiro civil, o sr. José de Souza Tudella.

PUBLICAÇÕES

Agradecemos a remessa das seguintes:

— O RECREIO, revista semanal litteraria e charadistica. — N.º 11 a 20, da 7.ª série.

A empresa editora do Recreio previne a todos os seus assignantes e aos que estão recebendo o Piquillo Alliaga, ou ainda O Gego da Fonte de Santa Catharina, de que mudou a administração da mesma empresa para a rua dos Calafates, 93, 3.ª, onde devem ser dirigidas todas as reclamações.

— MYSTERIOS DAS GALÉS, por Jules Boulabert.—Caderneta n.º 29. Editores, Belem & C.ª; Lisboa, rua do Marechal Saldanha, 26.

— A FILHA MALDITA, por Emile Richebourg.—Caderneta n.º 4. Editores, Belem & C.ª

— O MUNDO ELEGANTE, mensageiro semanal illustrado de modas, elegancia e bom tom.—N.º 26, do 3.º anno. Correspondencia ao gerente Antonio de Souza, rue Condorcet, 72, Paris.

— REVISTA POPULAR DE CONHECIMENTOS UTEIS.—Summario do n.º 57:

O systema solar (II); Estudo ácerca do tratamento dos tumores fibrosos do utero pelas correntes continuas, segundo o methodo de Apostoli; A economia domestica; Os estros do cavallo; Miguel Carlos Correia Paes; Calendario do agricultor; Dosagem da glicerina nos vinhos, cervejas e agua (II); A suggestão dos animaes; Tintura do marfim e do osso; Limpeza dos boccaes e torcidas dos candieiros; Pós para clarificar vinhos e outras bebidas alcoolicas; Cura do cancro; Outro remedio contra as queimaduras; Descobrimto astronomico; Vagens á lyoneza; Aplicações industriaes dos residuos das pilhas de Ricromato; Meio de obter tons escuros, quentes, em photographia; Trombeta electrica.

Redacção e administração, rua de Santo Antonio dos Capuchos, 51.

CONHECIMENTOS UTEIS

Limpeza dos boccaes e torcidas dos candieiros

Deita-se em meio litro de agua um pedaço de crystal de soda do tamanho de uma noz, pouco mais ou menos; immerge-se neste liquido o bocal, põe-se a ferver durante cinco minutos e passa-se em seguida por agua fresca: fica como novo.

Quanto ás torcidas, para evitar o fumo, banham-se em vinagre forte, havendo, é claro, o cuidado de as deixar secar bem, antes de fazer uso d'ellas. A luz é muito mais clara e brilhante.

ESPECTACULOS

Praça de touros em Aveiro

Dias 11 e 12 de agosto

Corridas de touros da Borda de Agua, de 4 annos, das mandadas do sr. Estevão de Oliveira.

Cavalleiro-amador—Manuel Casimiro.

Bandarilheiros—El Minuto, Salau, João Calabaça e Silverio Calabaça.

Haverá um grupo de homens do forcado.

ANNUNCIOS

Manuel Gonçalves dos Santos.
toda a consideração e respeito
espera não faltar em um
os seus e por isso
os e o mesmo o opor
der garantir que se
-od a opressão o man
sua casa de custu
participa aos seus
MANUEL GONÇALVES DOS SANTOS
Muita attenção!!!

EDIÇÃO MONUMENTAL

Historia da Revolução Portuguesa de 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 38 fasciculos d'esta obra e o 2.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o terceiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores LOPES & C.ª, successores de CLAVEL & C.ª—119, rua de Almada, 123, Porto.

BELEM & C.ª

Empreza editora—Serões Romanticos—Cruz de Pau, Lisboa

MYSTERIOS DAS GALÉS

Ultimo e o melhor romance de JULES BOULABERT

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

Edição ornada com magnificas GRAVURAS e excellentes CHROMOS a finissimas cores

Brinde a todos os assignantes no fim da obra — UM ALBUM DE COIMBRA.

BRINDE EM OURO—100\$000 réis em tres premios da loteria de Madrid que a empreza fixar, para o que cada assignante receberá opportunamente uma cautella com cinco numeros.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folhas de 8 paginas, 10 réis.

Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias e á custa da empreza.

Cada volume brochado 450 réis.



CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco

UNICA legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidadade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Os vicios de Lisboa

O CATHECISMO DO ADULTERIO DE RAMIRO ACACIO

Contos arreglados, imitados e originaes, offerecidos ao sexo forte e prohibidos ao sexo fraco. Illustrados com 24 gravuras francezas e impressos em excellente papel, com capa a cores.— 2 volumes 600 réis.

Titulos dos capitulos

1.º volume: — Antes de começar; O armario; Em flagrante; Um explorador; O mata borrão; A mascotte do cabelleiro; Em familia; O Primo Armando; Marido por interesse; Fazendo Avenida.

2.º volume: — Um marido condescendente; Duas amigas; Um advogado infeliz; Depois do chá; Uma para tres; Effeitos da pesca; Um substituto e... effectivo; O cocheiro da senhora; Amante e amiga; Amor... na estufa; Experiencias telephonicas; Um bom paladar; Um marido que não serve.

A obra está completa e só se recebem assignaturas para os dois volumes de que ella se compõe.—Será enviada franco de porte a quem enviar á Empreza 600 réis.

As Mulheres dos Amigos

Romance do mesmo genero, tambem completo, 2 volumes 600 réis. Do mesmo modo se enviará franco de porte a quem enviar aquella quantia á

EMPREZA NOITES ROMANTICAS Rua da Atalaya, 18, 1.º LISBOA

REGULAMENTO DA

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

APPROVADO POR DECRETO DE 27 DE DEZEMBRO DE 1888

Com as respectivas tabellas

Emendado segundo os «Diarios do Governo» n.ºs 3, 5 e 8

PREÇO 400 RÉIS

P ELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto.

EDITORES - BELEM & C.ª

Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa

A FILHA MALDITA

POR

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: A Mulher Fatal, A Martyr e outros

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

BRINDE a todos os assignantes: Vista geral da Avenida da Liberdade, em chromo, medindo 57 centimetros por 80 — VALOR 500 RÉIS.

3 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura.

— Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 RÉIS.

Assigna-se no escriptorio da empreza e nas principaes livrarias.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na RUA DO ARSENAL, 56 A 64, LISBOA, e filial no PORTO, FEIRA DE S. BENTO, 33 A 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

SATISFAZ todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

ENVIÁ em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

OS COMMERCIAENTES que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. E' NEGOCIO EM QUE HA TUDO A GANHAR E NADA A PERDER!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000\$000.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, tem de tirar uma licenca que nas provincias é de 1\$500 réis por anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista ANTONIO IGNACIO DA FONSECA promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA

Officio de defunetos,

Com a Missa dos Anjos, e as Antiphonas e Responsorios que se cantam na cidade do Porto.— (Com o respectivo Cantochão).

Sexta edição, revista e emendada pelo presbytero J. C. M. P.

UM vol. brochado, 500 réis; encadernado, 700 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto.

O Recreio

Revista semanal litteraria e charadistica

Está em publicação a 7.ª série, formando cada série um grosso volume completamente independente.

Cada numero em Lisboa, pago no acto da entrega, 20 réis.

Provincias: cada trimestre (13 numeros), 300 réis. Semestre (26 numeros), 580 réis. Para a provincia o pagamento é adiantado.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor João Romano Torres, rua Nova de S. Mamede 26—Lisboa.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer— O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES

para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES MACHINAS DE COSER

DA

Companhia Fabril SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA DE OURO

E' esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da SÓLIDA CONSTRUÇÃO E PERFEIÇÃO DE TRABALHO das suas machinas de costura.

A prestações de 500 réis semanaes e a dinheiro com grande desconto

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 — RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — 79

A VEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTOS

AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARÁ, Maranhão, Ceará, Manaus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul

Passagens a 9000 RÉIS para o Rio de Janeiro e Minas Geraes

Dão-se passagens GRATUITAS a familias completas de trabalhadores de campo, que queiram ir para diferentes provincias do BRAZIL, indo completamente livres.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com MANUEL JOSÉ SOARES DOS REIS.



Na rua dos Mercadores, n.ºs 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos